

GOVERNO BOLSONARO

Bolsonaro tenta agenda positiva para abafar crise, e ala militar ganha força

Governo busca atenuar desgaste com planos de Moro e da Previdência

Talita Fernandes

Igor Gielow

BRASÍLIA e SÃO PAULO O presidente Jair Bolsonaro (PSL) [planeja ofensiva](#) com agenda de anúncios para tentar abafar a crise que atinge seu governo devido ao [escândalo revelado pela Folha](#) das candidaturas laranjas de seu partido.

O momento de maior fragilidade política em 49 dias de governo Bolsonaro também tende a provocar a consolidação do poder militar na gestão federal devido à saída do [ministro Gustavo Bebianno \(Secretaria-Geral da Presidência\)](#), cuja oficialização é prevista para esta segunda (18).

O [general da reserva Floriano Peixoto Vieira Neto](#), 64, deverá ser efetivado no lugar de Bebianno. Se confirmado, será o oitavo ministro egresso da área militar no governo, que tem 22 pastas — e Onyx Lorenzoni (Casa Civil) será o último civil com assento no Palácio do Planalto.

O embate entre Bebianno, Bolsonaro e Carlos, filho do presidente, que alavancou a crise ao chamar o ministro de mentiroso, foi visto nos últimos dias com extrema preocupação pela ala militar do governo, que busca agora se impor para contornar o desgaste.

Dentro do governo, existe ainda o temor de que Bebianno "saia atirando", que a bancada governista fique fuchada no Congresso em meio à troca de acusações sobre as candidaturas laranjas do PSL e que as suspeitas do esquema alcancem outros estados além de Pernambuco e Minas — casos revelados pela **Folha**.

Bolsonaro tentará atenuar esse desgaste ao apresentar ao Legislativo nesta semana dois projetos que tratam de bandeiras importantes da gestão: o combate à corrupção e o ajuste das contas públicas.

Na terça-feira (19), [o ministro Sergio Moro \(Justiça\)](#) levará ao Congresso a proposta de uma lei anticrime.

Na quarta (20), será a vez de [a equipe econômica de Paulo Guedes](#) entregar a proposta de reforma da Previdência. Bolsonaro fará um pronunciamento em rede nacional, na televisão e no rádio para falar especialmente das mudanças nas regras da aposentadoria.

Segundo assessores, o presidente sabe que terá pela frente dificuldades com seu partido e que a crise com Bebianno, que foi o braço-direito de Bolsonaro e presidente do PSL durante a campanha, deixa arestas a serem aparadas com o Legislativo.

Aliados viram no processo de fritura pública do ministro deslealdade de Bolsonaro.

Neste domingo (17), o empresário Paulo Marinho, suplente de Flávio Bolsonaro (PSL-RJ) no Senado, criticou a atuação dos filhos do presidente. "Vejo como todo mundo: com muito maus olhos. Mas filho é filho, né?", afirmou a jornalistas ao deixar o hotel onde esteve hospedado com o ministro Gustavo Bebianno (Secretaria-Geral) nos últimos dias, em Brasília.

Ele negou que Bebianno se sinta vingativo com Bolsonaro e disse que "vida que segue" é o que acontece quando "se anda em más companhias".

A aliados, Bebianno oscila sobre o futuro: em alguns momentos endurece o discurso e diz que "não cairá sozinho"; em outros, acata o aconselhamento de amigos de falar o mínimo possível.

O presidente passou o fim de semana no Palácio do Alvorada com familiares. Recebeu visitas de alguns ministros — orientados a não comentar a crise e a se voltar para medidas governamentais — e usou as redes sociais só para replicar as ações dos ministérios.

"Estamos fiscalizando recursos, diminuindo gastos, propondo endurecimento penal, Previdência. Tudo isso em pouquíssimo tempo. Nossos objetivos são claros: resgatar nossa segurança, fazer a economia crescer novamente e servir a quem realmente manda no país: a população brasileira", escreveu Bolsonaro no Twitter durante a tarde.

Além do Bolsonaro, que é capitão reformado, já vieram do Exército nomes como o vice-presidente Hamilton Mourão (general da reserva) e os ministros Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional, general da reserva) e Carlos Alberto dos Santos Cruz (Secretaria de Governo, general da reserva).

O provável substituto de Bebianno tem longa história no Exército, embora não tenha chegado ao Alto Comando — é general-de-divisão, com três estrelas, penúltimo grau mais alto da hierarquia.

Floriano Peixoto comandou unidades como a 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel), no Vale do Paraíba (SP), o 62º Batalhão de Infantaria de Joinville (SC), e a 2ª Divisão do Exército, em São Paulo.

Mas foi o Haiti que marcou sua carreira -- com participação na Missão de Paz da ONU (Organização das Nações Unidas) comandada pelo Brasil na ilha caribenha de 2004 a 2017.

Tendo experiência internacional por ter sido instrutor nos Estados Unidos, Floriano Peixoto estava na 5ª Subchefia do Estado-Maior do Exército, responsável pelo planejamento de missões estratégicas, inclusive no exterior. Em 2004, ele ajudou a organizar a Minustah, como a missão de paz era conhecida.